



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 13, Issue, 03, pp. 62051-62053, March, 2023

<https://doi.org/10.37118/ijdr.26446.03.2023>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

APRENDIZAGEM AUTOGERIDA E DESIGN INSTRUCIONAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Erimar Pereira da Rocha^{*1}, Sandrina Vérica de Loiola², Conceição de Maria Ribeiro dos Santos³,
Maria do Socorro Gomes Saraiva⁴ and Ana Maria Gomes de Sousa Martins⁵

¹MUST University; ²MUST University; ³Universidade Federal do Piauí – UFPI; ⁴Universidade Federal do Piauí – UFPI;

⁵Universidade Federal do Piauí – UFPI

ARTICLE INFO

Article History:

Received 11th January, 2023

Received in revised form

20th February, 2023

Accepted 28th February, 2023

Published online 28th March, 2023

KeyWords:

Learning. Self-managed.

Education. Technology.

***Corresponding author:**

Erimar Pereira da Rocha

ABSTRACT

The scope of this work is to address the issue of self-managed learning and its challenges in the face of contemporary demands. In the footsteps of this process, we seek to understand the context that marks society and education in the 21st century. After that, we try to reflect on the meaning of a self-managed education and the importance of granting autonomy and freedom to the student. The process of teaching and learning must place you as a subject. In the meantime, the example of a specific online course that has applied this modality and its advantages and disadvantages is presented, pointing out its characteristics. In addition, taking into account the instructional design, reflections are established on the contributions of all this to the effectiveness of the student's learning. Finally, it brings a history and feedback from a personal experience. This is done in the light of a bibliographical, critical, systemic and integrative review of the relevant literature, placing different authors and perspectives in dialogue, with a qualitative approach, explanatory research and inductive method.

Copyright©2023, Erimar Pereira da Rocha et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Erimar Pereira da Rocha, Sandrina Vérica de Loiola, Conceição de Maria Ribeiro dos Santos, Maria do Socorro Gomes Saraiva and Ana Maria Gomes de Sousa Martins, 2023. "Aprendizagem autogerida e design instrucional: desafios contemporâneos". *International Journal of Development Research*, 13, (03), 62051-62053.

INTRODUCTION

O presente trabalho tem como objetivo elucidar a respeito da aprendizagem autogerida. Sabe-se que se vive em tempos de liquidez e nos quais a efemeridade dos acontecimentos é algo do qual não se pode fugir (Bauman, 2001). A cada segundo, existe uma interação significativa que perpassa o globo e faz com que tudo seja ressignificado diante das demandas do século XXI, inclusive a aprendizagem. Falar em aprendizagem autogerida é, necessariamente, referir-se à autonomia do educando e situá-lo enquanto sujeito do seu processo pedagógico. Trata-se de destituir o posicionamento passivo do aluno que apenas ouve e observa o que o docente lhe ensina, conferindo-lhe no lugar uma nova postura baseada na dinamicidade e na proatividade do aprender de modo prático. Constitui-se em objetivo geral da pesquisa: analisar os desafios contemporâneos da aprendizagem autogerida nos diferentes contextos educacionais. São objetivos específicos: compreender o contexto pedagógico atual; avaliar a importância da aprendizagem autogerida; apontar contributos práticos para efetivar esse modo de se ensinar e se aprender na concretude do cotidiano. A metodologia que se emprega neste estudo é revisão bibliográfica, pela qual se busca de modo crítico, sistêmico e integrativo colocar diferentes autores e perspectivas teóricas em diálogo. Para tanto, vale-se de método indutivo, enfoque qualitativo, pesquisa explicativa. O percurso se deu a partir da seleção de obras e artigos científicos que foram lidos, fichados, analisados e reunidos numa produção teórica que buscou

conjugar seus conteúdos com apontamentos práticos. Primeiramente, falar-se-á dos desafios da educação na pós-modernidade. Em segundo lugar, pensar-se a aprendizagem autogerida e sua importância. Em terceiro lugar, abordar-se-á um curso *online* onde ela seja aplicada, indicando vantagens e desvantagens. Em quarto lugar, traz-se uma reflexão sobre o design instrucional desse curso. Em quinto lugar, buscar-se-á trazer percepção de um histórico pessoal.

Os desafios da aprendizagem autogerida e do design instrucional na contemporaneidade: Vive-se, segundo Bauman (2001), em um contexto de liquidez, efemeridade e fluidez informacional em diferentes contextos, inclusive no cenário pedagógico. Não se pode insistir em uma maneira de se ensinar e se aprender que coloca o aluno como mero objeto receptor do conhecimento. A demanda que se tem na pós-modernidade é bem distinta, ela requer que o educando se constitua como sujeito, autônomo, criativo e proativo (Freire, 2011). Curiosamente, a educação à distância e o ensino *online* podem favorecer esse aprender autônomo e independente ou obstar, na medida em que algumas pessoas não conseguem intuir com proatividade diante das tecnologias existentes, ficando passivas diante dessas ferramentas. Nos termos de Stringheta (2018), o paradigma atual é outro. Hoje se tem um modo muito mais complexo de se efetivar o agir pedagógico. Não se tem como educar como se fez por séculos. As tecnologias estão aí e se impõem. Isso porquanto nesse mundo líquido não se tem mais solidez sequer nas relações humanas e tampouco no *modus operandi* das ações das pessoas (Bauman, 2001).

Nesse sentido, registre-se:

A aprendizagem está relacionada a um processo de interação, reflexão, discussão, crítica e ponderação que são facilitados pela interação social. Nesse sentido, uma proposta de educação a distância embasada pela colaboração em que estejam presentes a comunicação, troca de informações e trabalho em grupo visando à solução de problemas favorece a construção social do conhecimento e é um dos aspectos que vêm sendo desenvolvidos a cada dia no EAD (Montiel, Affonso, Rodrigues, Quinelato, 2015, p. 467).

Consoante Altheid e Betina (2006), a aprendizagem autogerida é compreendida como aquela que no desenvolvimento da vida do aluno faz com que de modo autônomo, utilizando-se da instrumentalidade de ambientes virtuais, promove a construção de seu própria aprender e da assimilação dos conteúdos que lhe são necessários. Quando aqui se fala em instrumentalidade das ferramentas digitais e dos ambientes virtuais, tem-se com clareza que eles não podem significar a finalidade, mas o meio de se tornar essa experiência de ensino-aprendizagem prática e efetiva. Isso se mostra significativamente promissor, mas é necessário pontuar sua aplicação com singularidade, verificando sua eficiência para os limites e possibilidades específicos dos alunos. Isso leva a pensar nas vantagens e desvantagens desse modelo de aprendizagem. Quando se fala em seus benefícios é importante assentar que se tem justamente a atualidade e familiarização com a tecnologia. Isso faz com a experiência da educação seja mais confortável, flexível e promova pensadores livres e autônomos, capazes de construir seus saberes e serem os principais responsáveis pela assimilação dos conteúdos (Montiel, Afonso, Rodrigues, 2015). Em termos de desvantagens, registre-se a falta do elemento humano na intermediação da aprendizagem. O ensinar e aprender corre o risco de ficar relegado a uma abordagem impessoal e a interação social que também faz parte do processo pedagógico (Santos, 2011). Toma-se como exemplo as várias faculdades EaD que estão situadas no Brasil e cada vez mais corresponde a um mercado em ascensão. Por exemplo, a Unicesumar conta com um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e atende com ele estudantes do país todo. Por meio dele, os alunos têm acesso a atividades de imersão profissional que corroboram a construção ativa e prática do conhecimento. Também realizam avaliações, têm disponibilidade de contar com fóruns e tutorias de modo integral. Evidentemente, essas ferramentas visam reduzir o aspecto da impessoalidade e – em certa medida – o conseguem. Todavia, quando o parâmetro de análise é a interação social e a pessoalidade do ensino não há como superar o ensino presencial (Moraes, 2014).

Salienta-se, igualmente:

Assim, ensinar por meio de plataformas educacionais digitais requer gerenciamento de tempo eficiente e habilidades organizacionais dos educadores. O uso de ferramentas de atividade, avaliação e comunicação disponíveis em um AVEA pode servir como abordagem útil de gerenciamento de tempo, que reflete nas melhores práticas (Pereira, 2015, p. 15).

Vê-se, dessarte, que não são apenas os alunos que têm dificuldade de se adaptar com ferramentas digitais e plataformas EaD. Os docentes também possuem, muitas vezes até mais, obstáculos e resistência para se aplicar essas tecnologias. Isso porque a sua geração ainda é anterior aos do discentes, que geralmente já nasceram na época das redes e computadores. Tem-aprendizagem autogerida não quer dizer desprezo pela figura docente, é cancelar a corresponsabilidade entre aquele que ensina e o que aprende de modo dinâmico e interativo. Freire (2011) bem lembra que o professor ao ensinar é o primeiro que aprende e não só no momento em que prepara suas aulas, mas também aprende com seus alunos, quando se abre a ser mediador do debate e deixar que eles participem ativamente da elucidação do conteúdo. Alguns momentos este autor identificou em sua trajetória educacional a oportunidade de lidar com vários Ambientes Virtuais de Aprendizagem em cursos de extensão ou regulares da academia. Todas essas experiências foram relevantes para se retirar as seguintes

conclusões: a) as ferramentas digitais são otimizadoras da aprendizagem e favorecem a autonomia; b) todavia, elas requerem um esforço redobrado do aluno para que assuma como propósito essa construção de conhecimento; c) para alunos indispostos e sem familiaridade com a Tecnologia da Informação, ao invés de corroborar a autonomia, esse modelo gera desmotivação e passividade.

Nesse sentido, também é preciso asseverar o que era discutido desde o início da EaD:

As vantagens do treinamento presencial são que ele possui um foco na aprendizagem de técnicas de utilização do ambiente e permite atender aos professores que preferem aulas práticas em laboratório, centradas em um conteúdo bem definido, como a exposição e explicação da interface do ambiente. Outra vantagem é que na aprendizagem, assistida presencialmente, o tempo e a hora marcada das aulas permitem concentrar o treinamento em muito menos tempo. Dois dias no curso presencial contra 30 dias para o treinamento à distância (Franco, Cordeiro, Castillo, 2003, p. 352).

Desse modo, desde o início se vislumbravam dificuldades na educação *online*. De um lado, essas dificuldades estão sendo superadas gradativamente. Os sistemas EaD do início da década de 2000 são bem distintos dos que se verifica agora. Todavia, não se pode negar que a EaD exige muito mais disciplina e comprometimento por parte do aluno. Isso porque quando se fala em autoaprendizagem, autogerenciamento desta ou ainda aprendizagem autogerida, não se está atribuindo apenas uma autonomia, mas também uma grande responsabilidade ao aluno. Assim, não é fazê-lo sujeito tão somente para se ter direito a uma nova forma de aprender. Também é fazer com que subjetivamente ele assume compromisso com seus deveres (Montiel, Affonso, Rodrigues, Quinelato, 2013). A aplicação de AVAs impõe que haja por parte do educando uma disciplina consciente. Faz-se necessário que o aluno diagnostique sua condição e identifique seus limites e possibilidades para se aferir que ele está preparado para o ensino à distância. A aprendizagem autogerida, ao contrário do que se pensa, não é uma peculiaridade da EaD. Ela serve para todas as modalidades de ensino. Não é porque determinado curso é presencial que ele não tem a aprendizagem autogerida. Por isso, a educação *online* e presencial tem sido realidade subjetiva de cada educando. No entanto, todas elas devem buscar se aprimorar na construção da autonomia e no autogerenciamento da formação por parte do aluno. A educação não mais pode ser fulcrada em na condução passiva, desprovida de criticidade (Freire, 2011).

A pedagogia da autonomia, preconizada por Freire (2011), traz uma ideia de fomentar nos educandos um saber crítico, reflexivo e que conduza à prática. Nesse ínterim, é preciso suscitar conscientização, para que cada vez mais se assuma como uma responsabilidade a aprendizagem autogerida, livre e autônoma. Após o passo de conscientizar-se é preciso a ação. A partir de estratégias bem delimitadas, é possível promover uma construção sólida de uma aprendizagem autônoma, livre e crítica. Como consequência da ação, tem-se a transformação da educação e da sociedade. Não há espaço para neutralidade na construção do saber, necessariamente, ele conduz à ressignificação das contradições sociais para gerar a modificação histórica-social.

CONCLUSION

Diante dos conteúdos explanados, verificou-se que a aprendizagem autogerida é aquela que coloca o aluno no protagonismo de seu processo de ensino-aprendizagem, conferindo-lhe o patamar de sujeito e não mero objeto, ouvinte e espectador. No bojo dos cursos *online* e da educação à distância, cada vez mais se criam espaços virtuais nos quais com intuitividade e interatividade, procura-se fazer com que o aluno seja proativo e por exercícios massifique os conteúdos. Logo, verificou-se que existe vantagens e desvantagens

nesse processo. Enquanto benefícios, destaca-se a construção da autonomia, independência de pensamento e construção ativa do conhecimento. Além, evidentemente, de fazer com que se familiarize cada vez mais com as Tecnologias de Informação e Comunicação. Quanto às desvantagens, é mister ressaltar que o aluno que não está acostumado com esse modelo e se faz mais dependente da mediação fica com a sensação de inefetividade e se mostra incapaz de avançar. A falta do contato humano é algo que a virtualização dos procedimentos não conseguiu suprir e parece não o conseguir tão cedo.

REFERENCES

- Altheit, P. Betina, D. 2006. Processo de formação e aprendizagem a longo da vida. *Revista Educação e Pesquisa*, 32(1), 177-197.
- Bauman, Z. 2001. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Franco, M.A. Cordeiro, L.M. Castillo, R.A.F. 2013 O ambiente de aprendizagem e sua incorporação na Unicamp. *Educação e Pesquisa*, 29(2), 341-353.
- Freire, P. 2011. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Montiel, J.M. Afonso, S.A.B. Rodrigues, S.J. Quinelato, E. 2015. Considerações a respeito do autogerenciamento da aprendizagem em estudantes de educação à distância. *Psicologia em Revista*, 21(3), 464-478.
- Moraes, Simone Becher Araujo. 2014. Notas Sobre a Avaliação da Aprendizagem em Educação a Distância. *EAD em Foco*, 4(2).
- Santos, Gilberto Lacerda. 2011. Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas. *Revista Educação e Pesquisa*, 37(2), 307-320.
- Stringheta, M.C.T.F. 2018. *Ensina-me a aprender: pedagogias para a sociedade do conhecimento*. Curitiba: Inter Saberes.
